

A invisibilidade da literatura lésbica ¹

Yasmim Pontes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Contato: yasmimalpontess@gmail.com

Resumo

O presente trabalho apresenta como se deu a marginalização da literatura lésbica, mais concretamente a literatura que é escrita por mulheres homossexuais, cujos propósitos concernem à homossexualidade feminina, e tem como objetivo comprovar a invisibilidade desses escritos. Como análise metodológica, foi utilizado a pesquisa em alguns livros, são eles: O segundo sexo, de Simone de Beauvoir; Literatura brasileira contemporânea: um território contestado, de Regina Dalcastagnè; A ordem do discurso, de Michel Foucault; e, por fim, o artigo Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica, de Adrienne Rich.

O trabalho é dividido em três partes: na primeira, é apresentada a visão da sociedade moderna que decai sob a figura feminina; na segunda parte, é trabalhada a marginalização da mulher lésbica (esclareço assim, que o termo “lésbicas” será tratado aqui como uma definição que abrange mulheres que têm em comum o fato de desejarem relações sexuais ou afetivas apenas com outras mulheres) e da sua (re)existência na sociedade atual; como terceira, e última, a conclusão.

Quando se fala de homossexualidade feminina se paira todo um silêncio, pensar no adjetivo “lésbica” após a palavra “literatura” significa nomear uma realidade que é invisível no mundo real e mais ainda no mundo literário. Portanto, é preciso entender que a literatura funciona como um dispositivo político que afeta diretamente o mundo e é preciso criar novas práticas culturais que insiram esse amor marginal no cotidiano.

Palavras-chave: mulher, lesbianidade, escrita.

Introdução

Mesmo que grandes escritoras tenham aberto caminhos há muitos anos, ainda é recorrente na história da humanidade se deparar com escritos de homens sobre mulheres. Segundo Virginia Woolf, para ser um romancista, é necessário que a vida siga com calma e tranquilidade, portanto, como pode uma mulher ser escritora se além de se dedicar a tarefa da escrita ela também precisa lidar com a casa, os filhos e um fantasma que aparece entre ela e o papel – um fantasma que não permite as mulheres a lidarem com liberdade e franqueza.

Contudo, ao observar o cânone brasileiro, é possível vislumbrar o nome de algumas mulheres – como Clarice Lispector e Cecília Meireles – porém, isso se faz pensar em uma identidade universal para elas, como se todas ocupassem o mesmo lugar

¹ Trabalho apresentado na *I Jornada do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Gênero, Feminismo(s)*, realizada no dia 11 de setembro de 2019, na Faculdade de Letras da UFRJ, no Rio de Janeiro.

na sociedade, levando a um apagamento das outras identidades que não pertencem a classe elitista, branca e heterossexual.

Não se pode dizer que o homo(lesbo)erotismo não está presente no cânone brasileiro, publicado no final do século XIX, *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo traz a personagem Léonie que abusa da filha de Dona Isabel, Pombinha. Ainda no século XIX, Machado de Assis publica na série “A semana”, da Gazeta de Notícias uma narrativa que conta a história de uma mulher que se matou para cessar o sofrimento de sua amiga que era espancada todos os dias por causa desse relacionamento afetuosos. Apesar disso, é possível observar rapidamente nessas histórias que a homossexualidade feminina é tratada como algo negativo, vergonhoso e abominável.

Nada se fala de escritoras homossexuais que escrevem sobre a homossexualidade feminina, sob elas ainda paira um silêncio. É necessário saber o porquê desse silêncio e de onde surgiu a marginalização dessas autoras que, apesar de existirem, são apagadas do cânone e do mercado editorial. Contudo, antes de desvendar o apagamento de autoras lésbicas é necessário saber como a mulher se tornou “o outro”.

Não há como falar do debate de gênero sem se falar antes da interseccionalidade, que assume que categorias de gênero não cabem em uma hierarquização, mas sim em uma interação em que uma repressão depende da outra. As mulheres sempre sofreram com estereótipos e violências e esses fatores podem ser ampliados dependendo da raça, classe, religião, origem nacional, identidade sexual; essa opressão não seria diferente na literatura. Então, antes de se falar em como se dá a marginalização da literatura lésbica, é necessário saber, sobretudo, em como se dá a resistência da mulher dentro de obras do cânone literário.

Segundo Michel Foucault (2007), os discursos na sociedade são controlados, selecionados e organizados e as instituições buscam dominá-los para instituir uma forma de verdade, com isso, ocorre a desvalorização das falas de indivíduos que fogem do padrão social. Isso não significa dizer que não há manifestações desses grupos marginalizados e sim a ideia de que eles não merecem ser ouvidos. Essa construção faz com que essas minorias aceitem sua impotência dentro do corpo social, segundo Regina Dalcastagnè:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No

entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de literatura exclui suas formas de expressão.(DALCASTAGNÈ, 2012).

Utilizando um corpus de 258 obras de três grandes editoras brasileiras (Rocco, Companhia das Letras e Record) em um período de 14 anos (1990 até 2004) Dalcastagnè, em seu livro *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*, faz um estudo aprofundado de quem é esse corpo que ocupa o mercado editorial e de quem ele fala. Ao todo seu, *corpus* incluiu 165 autores e desse número 72,7% eram de autores do sexo masculino.

A sociedade foi criada pensando nas necessidades dos homens. Com isso, o menino é ensinado e instigado à competitividade para o âmbito educacional, esportivo e criativo. Já a menina teve, por muito tempo, e em alguns casos ainda tem, uma educação pautada no ensino doméstico em como ser uma boa dona de casa, uma boa esposa e uma boa mãe. Também é importante pontuar que a escolarização tardia da mulher brasileira, por volta do século XIX, e mesmo assim da mulher branca que fazia parte de uma elite porque as negras e/ou pobres continuavam a margem, contribuiu para a precarização da “literatura feminina”. Em 1929, Virgínia Woolf publicou um ensaio na revista *novaiorquina*, *O valor do riso*, no qual escreveu:

As leis e os costumes, é claro, foram em grande parte responsáveis por essas estranhas intermitências de silêncio e fala. Quando a mulher era passível, como foi no século XV, de levar uma surra e ser jogada no quarto se não se casasse com o homem escolhido pelos pais, a atmosfera espiritual não era favorável à produção de obras de arte.(WOOLF, 2004, [1929]).

A escrita demanda tempo e dedicação; ainda segundo Woolf, o romancista tem como necessidade e desejo ser o mais inconsciente possível, mas como poderia uma mulher produzir se ela precisava dar conta dos filhos, dos afazeres domésticos e do marido? Mesmo quando se trata de mulheres escritoras escrevendo sobre personagens femininas estas vivem dentro do ambiente doméstico, as mulheres brancas, em sua maioria, são donas de casa e as negras, empregadas ou prostitutas. Pois quando se fala sobre escrita não se pode deixar de considerar o corpo como um instrumento inserido, diretamente, nesse processo. É a partir dele que o indivíduo conhece e reconhece o mundo – seu papel social, principalmente. Toda enunciação traz consigo um corpo enunciador que, por muitas vezes, não se distancia do corpo de quem escreve.

A produção literária de mulheres ainda é rotulada como uma “literatura feminina”, ou seja, alguns gêneros e modos de escrita são apropriados às mulheres e outros não, sem mencionar que quando denomina-se a literatura feita por mulheres de “literatura feminina” as diversas escritoras não são vistas como tendo uma própria voz autoral. Segundo a escritora Rita Terezinha Schmidt, no ensaio *Mulher e literatura*:

Excluída, com raras exceções das histórias literárias, a escritora habita uma zona periférica. A valoração de seu texto é, muitas vezes, articulada através de poderosas distinções que estão embutidas na frase “o romance feminino”. Além da sua ambiguidade, essa frase encerra a intenção de diferenciar e dualizar “o romance” e o romance escrito pela mulher, como se fosse apenas uma ramificação, uma forma secundária e subjacente àquela. Raramente um escritor é criticado por sua obra ser “masculina” ou por descrever atividades e interesses masculinos. Para as escritoras, no entanto, há sempre o risco de sua obra ser analisada a partir de uma terminologia de gênero. (SCHMIDT, 2017)

O propósito não é condenar autores homens que escrevam sobre personagens femininas, mas sim questionar as perspectivas dessas falas, além de oferecer às mulheres, e minorias no geral, a oportunidade de acesso a publicações. Um homem que tenha construído bem uma personagem feminina será reconhecido por isso, mas será que uma mulher seria reconhecida por construir um bom personagem masculino? O fundamental é que o indivíduo que ocupa um lugar privilegiado tenha consciência e consiga enxergar as problemáticas a partir dele. Hoje, grandes editoras têm publicado pessoas marginalizadas, como o autor Geovanni Martins, que em sua obra *O sol na cabeça*, narra histórias de jovens periféricos. Outro exemplo é o maior reconhecimento da escritora Carolina Maria de Jesus, uma autora que foi catadora de lixo e documentava seus dias no livro chamado *Quarto de Despejo*. Porém, não se pode cair na ilusão de que os números de autores brancos, elitistas e homens se equiparam aos das minorias sociais.

É na poesia de Safo² que se tem a primeira ideia de homoerotismo feminino e por causa dela que se dá a denominação “lesbianismo” ou “amor sáfico”, mas quem seria a autora que teria tratado dessa temática pós Safo de Lesbos? Há uma grande distância entre o mundo de Safo e o mundo contemporâneo em relação ao homo(lesbo)erotismo. Talvez, em Lesbos as mulheres pudessem usufruir da condição de escrever, mas isso nunca mais aconteceu. Não é como se falassem para as mulheres que elas não pudessem escrever, mas como incentivar a escrita de mulheres se há um ambiente quase

² Isso não significa dizer que antes não houvesse mulheres que escrevesse sobre mulheres, mas sim que ela é a primeira da qual se há notícia.

totalmente masculino? e como incentivar a escrita de mulheres por outras mulheres em um ambiente heteronormativo?

Em 1948, Odete Rios Pérez Perañez que usava o pseudônimo de Cassandra Rios, publicou seu primeiro livro *A Volúpia do Pecado*, o qual tratava da descoberta homossexual entre duas mulheres. O livro foi publicado com a ajuda financeira de sua mãe e a obra sofreu diversas perseguições. Como a autora ainda era menor de idade, nada aconteceu com ela inicialmente, mas ao completar vinte anos, Rios foi processada por atentado à moral e condenada a pagar uma multa, acrescida de prisão domiciliar durante um ano. Mesmo após a ditadura de Vargas, em 1962, Cassandra Rios já tinha oito, de dez obras censuradas e, entre 1960 e 1970, a escritora atingiu números de vendas comparáveis ao de Jorge Amado, mas sua literatura sempre foi vista como pornográfica e, conseqüentemente, de baixa qualidade. Segundo Santos:

A linguagem e a literatura de Cassandra Rios têm valor cultural e histórico de resistência, pois documentam histórias apagadas pelo sistema de repressão e censura da ditadura militar, e contestam o sistema hegemônico da heterossexualidade compulsória. (SANTOS, 2005, p. 180)

A invisibilidade lésbica está intrinsecamente ligada ao machismo, à homofobia e à heteronormatividade. Desde sempre, a identidade sexual da mulher vem sendo controlada através de mecanismos institucionais ou sociais, já que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado. Rich destaca que:

[...] salienta que o silêncio que encobre a possibilidade do encontro amoroso entre mulheres é parte da totalidade do silêncio a respeito da vida das mulheres, além do que acrescenta, tem sido um modo efetivo de obstruir a intensa e poderosa onda em direção à comunidade feminina e ao compromisso das mulheres com mulheres, que ameaça o patriarcado. (RICH)

É nesse contexto que as mulheres lésbicas se encontram. Já sendo subjugada por serem mulheres, sofrem mais inferiorização ao assumir sua sexualidade. A existência lésbica tem sido vivida sem nenhum reconhecimento e sem nenhuma construção de identidade, o próprio fato de colocar a lesbianidade como uma versão masculina da homossexualidade já é uma forma de invisibilidade, segundo Rich:

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez. Parte da história da existência lésbica está, obviamente, a ser encontrada em contextos onde as próprias lésbicas, na ausência de uma comunidade

feminina coerente, têm compartilhado um tipo de vida social e de causa comum com homens homossexuais. (RICH, 2010).

O apagamento da mulher lésbica só não ocorre quando há algo de perverso ou fetichista; por isso, é necessária a produção de histórias entre mulheres que vão além do pornográfico, que apresentem a construção de personagens completas que possuam detalhes em sua vida, ciclo sociais e paixões. Salienta Lúcia Facco que:

Ao colocar várias personagens lésbicas como pessoas absolutamente comuns, retira-as de um lugar de não-existência, mas sem lhes dar uma “aura” de alguma coisa especial, diferentemente, apartada do resto da humanidade.(2004)

É inegável admitir que há um viés político quando uma mulher escolhe se expor e falar sobre a homossexualidade feminina, pois, além da mulher que escreve quebrar um paradigma de adentrar nesse mercado que prioriza os homens, quebra um outro padrão ao fazer uma história que mostre seu amor e admiração por uma figura masculina. Em seu livro *As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea*, Lúcia Facco destaca que:

Antes de mais nada, eu preciso dizer que a literatura, para mim, é política. Não no sentido de induzir as pessoas a pensarem assim ou assado. Pelo contrário. Uma das capacidades que a literatura tem é a de fazer com que as pessoas pensem, questionem, vejam as mais diferentes possibilidades de ser, de existir, de se movimentar (socialmente) no mundo. [...] A literatura lésbica tem a capacidade de permitir a identificação para as mulheres lésbicas, representando, muitas vezes, uma verdadeira “tábua de salvação” para aquelas que se sentem diferentes, devido aos seus desejos; tem a capacidade, também, de tornar visíveis relações afetivas e sexuais que a sociedade teima em querer varrer para baixo do tapete (FACCO, 2013, s/p).

Contudo,, as mulheres que estão dentro de um *continuum* lésbico e escrevem sobre sua vivência enfrentam um paradigma: apesar de ser político escrever sobre o homoerotismo feminino, elas apenas estão escrevendo suas experiências diárias. Mesmo motivadas por uma causa política, há uma tendência de suas obras não serem lidas como arte. Grande parte da literatura lésbica é vista como literatura de baixa qualidade; já foi dado o exemplo de Cassandra Rios, mas assim como ela, ainda há uma imensidão de obras que, por tratarem dessa temática, sofrem com a sua desvalorização. Grande parte desse discurso serve para a legitimação da ordem político-social. Conforme Monique Witting:

[...] a censura imposta pelos discursos que [...] apregoam que você-será-civilizado-ou-não-será, acaba por promover a tentativa de impedimento de que as relações amorosas entre mulheres possam ser pensadas ou ditas, muito embora elas sempre tenham existido.[...] A

homossexualidade aparece como um fantasma só de modo obscuro e às vezes de forma alguma.(WITTING)

As lésbicas são uma comunidade mais invisibilizada que a dos homossexuais masculinos e mais uma vez, isso se dá pela superioridade do homem em relação a a mulher. A pesquisa feita por Regina Dalcastagnè também mostrou que apenas 3,9% dos romances analisados tinham personagens homossexuais (homens e mulheres) e desse número, 79,2% se tratavam de homens gays.

Segundo Simone de Beauvoir “a homossexualidade feminina implica num modo de vida suscita de desprezo e escândalo”. Desse modo, assumir uma identidade lésbica publicamente é um ato que não deveria ser visto como político, mas por causa de uma sociedade onde o comum é se comportar dentro de um padrão social heterossexual, denominar-se lésbica aumenta o acúmulo de opressões causadas às mulheres.

Nomear de “literatura lésbica” a narrativa de mulheres que vivem suas afetividades e sexualidade centradas em outras mulheres é de profunda importância nesse momento. A nomeação da literatura escrita por mulheres lésbicas tem como finalidade a visibilidade dessa camada que vive à margem.

Há dificuldades para todos no mercado editorial, visto que um livro virou um bem a ser comercializado, mas a literatura lésbica enfrenta dificuldades ainda maiores, seja pelo machismo, seja pela homofobia. A pesquisa que se encontra no livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* comprova que essa literatura é totalmente posta à margem da sociedade assim como a quem a escreve.

Hoje, acontece um esforço maior para inserir essas autoras no meio acadêmico e literário e há, também, um trabalho quase que arqueológico para resgatar autorias mais antigas que falam sobre o tema do homoerotismo feminino, porém, muitas dessas mulheres usavam pseudônimos ou escreviam em meios informais, tornando ainda mais complexa a pesquisa sobre essas histórias marginalizadas.

Construir uma identidade feminina é desconstruir a identidade masculina como algo universal, sendo algo essencial para a determinação de uma forma de literatura que não desvalorize a mulher. De acordo com Schmidt:

o fato da generalização humana ser sexualmente particularizada com o substantivo ‘homem’, assume uma dimensão política na medida em que reproduz a codificação de uma relação de poder que assegura a invisibilidade do feminino. (SCHMIDT, 2017)

Toda história feminina foi e ainda é invisibilizada por homens, ainda que homens tenham escrito sobre mulheres. A perspectiva feminina vem sendo ignorada ou é dificultada pelo viés falocêntrico, que, como indicador do poder masculino, é associado à lógica e à sensatez. Homens têm falado de mulheres sobre assuntos que elas mesmas não tiveram chance de se falar, muito se tem na literatura obras que falam sobre seus amores e suas sexualidades que foram escritas por homens, em uma visão totalmente masculina que destoa toda a realidade feminina. Pode-se ter como exemplo *Madame Bovary*, de Flaubert. O primeiro livro que trata do assunto da sexualidade feminina, o autor foi perseguido e processado por essa obra, considerada imoral por abordar o adultério de uma mulher. Apesar de tratar de uma temática importante, pois desconstrói a figidez feminina, o escritor dá um toque de loucura para essa personagem. As primeiras narrativas de mulheres que amam mulheres, no Brasil, foram contadas por homens que as encheram de fetichismo e colocaram esse amor como algo ruim e asqueroso. Assim, é preciso que se dê espaço para as mulheres para se ter mais de uma versão das suas vivências.

REFERÊNCIAS

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*, Natal, v. 4 n. 5, pag. 17-44, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida* / Simone de Beauvoir: tradução Sérgio Milliet – 5 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019

_____. *O segundo sexo: fatos e mitos* / Simone de Beauvoir: tradução Sérgio Milliet – 5 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15ª.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado – Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

RIBEIRO, Djamila. *O que é local de fala?* Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento: Justificando, 2017.

FACCO, Lúcia. *As heroínas saem do armário*: literatura lésbica contemporânea. São Paulo: GLS, 2004.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/convergências*: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

HOLANDA, Ismênia. Mesquita, Raquel. PAIVA, Antônio. Censura e esquecimento: a perseguição a literatura lésbica de Cassandra Rios.

WOOLF, Virgínia. *Profissão para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

_____. *O valor do riso e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naif, 2014.